Museu Educação Global e Diversidade Cultural

Cadernos

Pedagogia Crítica e Autonomia



Metodologia e Epistemologia

2020

Ficha Técnica:
Informal Museology Studies
Cadernos
Nº 26 – 2020
Editor: Pedro Pereira Leite
Marca D'Água - Edições e Projeto
ISSN – 2182-8962

Documentos usados de acordo com:





Índice

Uma introdução à Pedagogia da Autonomia 6

Galeria Educação Global 9

O que é o Museu Educação e Diversidade (MED)?..... 9

Se a sociedade está em fluxo, quais são os principais desafios para o processo educativo? 10

Como se faz a interação entre o aluno e a escola. 11

Porque métodos ativos para a autonomia?.....13

Se a pedagogia para a autonomia é preferível porque subsistem os métodos tradicionais?.....15

Qual o papel do educador crítico numa escola para a autonomia? 16

A constituição de Alternativas através da Poética do Pensamento Crítico.....18

Aprendizagem Lineares e Aprendizagens Expansivas.....20

Pedagogia da Autonomia e os seus diálogos com a Diversidade Cultural 22


15
13

Uma introdução à Pedagogia da Autonomia

As abordagens da pedagogia da autonomia, de influência libertária, distinguem habitualmente os objetivos educativos em três categorias:

- as pedagogias da emancipação, que se preocupam com o desenvolvimento dos indivíduos e ou transformação da sociedade. Que constitui o objetivo das práticas pedagógicas que se defendem;
- a educação como reprodução de saberes, técnicas e valores, que correspondem a práticas de processo autoritários que visam a reprodução acrítica de conhecimento, e por isso é criticada.
- e a "pedagogia da redenção". Este último caso, da pedagogia de redenção, é pouco usada na conceção de sistemas de educação formais, remetendo-se para outras instituições sociais, de correção e ou de formação de adultos. É também alvo de crítica pela pedagogia da autonomia.

A pedagogia da autonomia de influência libertária insere-se nas propostas de ações transformadoras dos indivíduos e da sociedade, acentuando a dimensão libertária, não violenta e autogestionária dos processos, propondo economias solidárias, de respeitos pela natureza e pela sua diversidade.

Como prática educativa parte da participação dos alunos em grupos, valoriza os processos de decisão pela democracia participativa. A pedagogia libertária tem vários pontos de convergência com algumas propostas pedagógicas, como o Método Moderno, O MEM, A Educação para Paz, A educação para a liberdade. Propõe ainda um reconhecimento do ser em contexto como guia para o reconhecimento do mundo.

A experiencia pedagógica passa pela produção de conhecimento relevante em grupo, da reflexão das experiencias vivenciadas e na proposta de desenvolvimento de processo de ação autogestionados. O processo educativo é sempre anti autoritário, não violento de não diretivo.

O papel do professor é nesse sentido um mediador que ajuda e aconselha no desenvolvimento de atividades, podendo efetuar alguma tutoria não diretiva, partindo da identificação que cada aluno faz das suas necessidades.

Com base no trabalho em grupo, cada indivíduo tem a liberdade de escolher participar. Mas o grupo deve discutir todas as questões, e deve desenvolver atividade de integração dos vários membros.

A pedagogia da autonomia procura desenvolver os conhecimentos relevantes. Por essa razão, a medida de avaliação dos processos é a sua adequação à prática social e em relação ao seu potencial de uso.

Alexander Neil e Carl Rogers são figuras influenciadoras da Pedagogia da autonomia. É necessário não esquecer as propostas dos libertários catalães no início do século XX, como Francisco Ferrer. Na América do Sul nota-se a influência de Michel Lobrot, Paulo Freire e Fals Borda.

Na Europa, por vezes refere-se a influência do trabalho de Célestin Freinet, e do Movimento de Escola Moderna. Algumas escolas "Paideia" Escola Livre; Orfanato Cempuis (1880 – 1894), de Paul Robin, O movimento das Escolas Modernas (1901 – 1953), iniciado por Francesc Ferrer i Guàrdia, A Colmeia (1904 – 1917), de Sébastien Fauré. Summerhill (1921 – atual), de Alexander Neil. Ainda no campo do trabalho de projeto, recolhe com alguma crítica as propostas de escola democrática de William Kilpatrick e John Dewey,

A pedagogia para a autonomia é uma pedagogia não diretiva. Procura o reconhecimento da diversidade cultural, e assumir a diferença como experiencia significativa da construção da realidade. A consciência da realidade, na pedagogia da autonomia, parte da necessidade de reconhecer a relação do eu e do outro em contexto, de compreender a relação das identidades coletivas com as diferenças. A consciência da realidade implica o reconhecimento da ação como processo transformador. A realidade pode ser transformada pela ação, mas também implica a consciência da realidade como algo inacabado, em, processo, que está constantemente em construção.

O objetivo deste número dos Estudos de Museologia Informal é o de contribuir para a constituição duma galeria das propostas sobre a epistemologia e a metodologia dos processos educativos com base na pedagogia do projeto, passando por alguns educadores que influenciam esta corrente pedagógica. Noutro número trabalharemos as experiencias de Paulo Freira na Guiné-Bissau

Bissau, 31 de janeiro de 2020



Galeria Educação Global

Em vários trabalhos anteriores (Leite, 2018)[1] e (Leite2019)[2] desenvolvemos várias questões obre educação popular patrimonial, sobre Educação Global e sobre metodologia de projeto. Neste trabalho desenvolvemos uma ligação mais estreita entre as metodologia de projeto e a diversidade cultural, procurando aprofundar o legado teórico das pedagogias decoloniais. Fazemo-lo na forma de postais que se integram nas galerias do Museu Educação e Diversidade (MED)

O que é o Museu Educação e Diversidade (MED)?

É um espaço de reflexão crítica sobre os processos de ensino-aprendizagem no âmbito da metodologia da Educação. Propõe como modelo de trabalho (ensino-aprendizagem) a metodologia do trabalho de projeto. A metodologia de projeto afigura-se adequada à formação de adultos, na medida em que desenvolve a participação do educando (tal como defendem várias escolas, entre as quais a Escola Nova, o Método Moderno e Metodologia de Projeto). Nesse sentido faz- uma crítica às metodologias tradicionais, onde aos educandos/formando é exigido sobretudo passividades sobre os processos de transmissão do saber.

Trabalhamos ainda as questões da escola e do desenvolvimento do afeto como proposta alternativa ao conhecimento como processo exclusivamente cognitivo.

Em termos de usos de conceitos entendemos:

- Educação – atividades de preparação dos indivíduos e da sociedade para intervir na satisfação das necessidades pessoais e coletivas que assegurem a sua sobrevivência, a coesão e organização social, o uso da memória individual e coletiva e o desenvolvimento da criatividade e bem-estar.
- Processo Educativo- é o conjunto de ações de preparação dos indivíduos para desenvolveram ações, individuais e em grupo, na sociedade.

[1] Leite, Pedro Pereira (2018) - Ato Patrimonial Estudos Sobre Educação Global e Diversidade Cultural, Informal Museology Studies, # 22

[2] Leite, Pedro Pereira (2019) – Educação Patrimonial: Diversidade Cultural e Cidadania em contexto Escolar - Manual de Formação, Informal Museology Studies, # 23

- Processo Social e Educação – A sociedade está em fluxo. É de natureza complexa e está em permanente transformação.

Se a sociedade está em fluxo, quais são os principais desafios para o processo educativo?

Há várias respostas possíveis para essa questão. Contudo, neste nosso Museu vamos sobretudo tratar da forma como o crescente uso de tecnologias, que melhoram acesso às fontes de informação e de conhecimento e que disponibilizam acesso a vários serviços sociais e educativos, podem ser usados para desenvolver atos educativos com base na Dignidade Humana com base na diversidade cultural. Partimos portante dos seguintes desafios:

- A emergência das novas tecnologia introduz pressões para a mudança nos processos educativos globais. Em que mudanças podemos ser atores e produzir conhecimento relevante.
- O processo de globalização dos produtos e serviços sociais e culturais é muito intenso, exigindo uma adaptação cada vez mais célere às alterações societais. Como pode o MED dar soluções relevantes para estas questões
- Após um crescimento de processos educativos extensivos e com base em percursos curriculares únicos, a educação enfrenta hoje o desafio de criar processos educativos compreensivos que integrem a diversidade cultural. Como podemos usar a metodologia do projeto "arvore das memórias" para desenvolver processo educativos com base na Diversidade Cultural e na Economia Criativa.



Como se faz a interação entre o aluno e a escola.

A partir dos três desafios enunciados, verificamos que existem dois grupos alvo das ações do museu. Por um lado os grupos de alunos incluídos nos sistemas de escolaridade obrigatória, e os grupos de adultos no âmbito da "educação ao longo da vida".

Deixaremos as questões da educação ao longo de vida para outros postais mais para a frentes. Neste postal vamos trabalhar sobretudo os processos de mediação entre os alunos e a escola. Por mediação entendemos os processos de contato entre o sistema que define os conteúdos de aprendizagens, e os sujeitos das aprendizagens. Os atores dos processos de mediação na escola são sempre os "professores", uma categoria profissional, que implica uma preparação prévia em conteúdos de aprendizagens e em metodologias didáticas.

Os conteúdos científicos das aprendizagens são os que se encontram definidos no que se convenciona chamar as "áreas de conhecimento". Os métodos educacionais, constituem também eles uma área de conhecimento[3], sendo tem uma aplicação transversal a todas as áreas por via da pática pedagógica.

A didática pedagógica, que constitui a essência da mediação do professor em contexto das aprendizagens, podem classificar-se grosso modo em:

- Métodos Passivos
- Métodos Ativos

Os Método Passivos, onde o professor exercita a arte da "oratória", usando métodos expositivo das matérias e verificando-se uma certe ausência de interação entre os professor e alunos.

Os Métodos Ativos, pelo contrário procuram estimular a interação entre o objeto de aprendizagem e os alunos, com base na motivação para a aprendizagem.

Nos métodos de ensino voltados para a criação de autonomia e capacidade crítica, os métodos ativos são valorizados, fazendo-se uma crítica radical aos métodos passivos.

[3] https://pt.wikipedia.org/wiki/Portal:Ci%C3%AAncia/%C3%81reas_do_conhecimento


558
BEIRÃO
arris

Porque métodos ativos para a autonomia?

Uma das críticas frequentes que é feita aos métodos tradicionais nas escolas questiona a adequação do método de ensino às motivações dos alunos. Os jovens atualmente são mais participativos e exigem um conhecimento ativo. Todos estão habituados às tecnologias, onde lhes são exigidas competências de ação. Muitos passaram por processo educativos ativos na pré-escola ou no 1º ciclo. Quando se confrontam com a pedagogia tradicional, mais passiva, ainda maioritária nos sistemas de ensino formal, baseados na aquisição de informação, reagem com desmotivação e gera-se a chamada "indisciplina".

A primeira questão que é necessário responder para criar uma pedagogia para a autonomia é escolher entre um processo de ensino com base na Informação ou na produção de conhecimento.

Atualmente, escolas com processo educativos de transmissão de informação constituem-se como escolas com fraco desempenho. A escola não tem capacidade de competir com as novas tecnologias. Por isso um dos seus desafios é saber dialogar e integrar os processos de aquisição de informação coma criação de conhecimento crítica. Em regra a passagem da palavra é um processo lento, mas a busca de informação relevante para o aluno através da tecnologia é motivadora e muito mais eficiente se forem usadas as novas tecnologias. O processo educativo ganha dinâmica o processamento da informação for feito em interação.

Uma outra questão que é determinante para que os alunos ganhem autonomia é o favorecimento dos seus conhecimentos. Nas escolas tradicionais, o conhecimento relevante é escolhido por elites. Os professores raramente se preocupam em conhecer o conhecimento do outro. Partem do princípio que cada aluno é uma página em branco, que é necessário preencher com a informação oral, criando uma ilusão de que as competências técnicas são um processo linear, com um aluno numa escuta passiva, não se preocupando com as capacidades de apropriação e uso do conhecimento em processo.

Por estas razões exige-se que numa pedagogia da autonomia o processo educativo tenha por base a produção de sentido e a motivação para o conhecimento crítico. É necessário que as escolas sejam espaços abertos ao mundo e que tornem o mundo inteligível.

Uma pedagogia para a autonomia é uma pedagoga que evita que a escola se encerre sobre si mesma e sobre os seus processos. Uma escola sem muros.

Em suma, contrapondo aos métodos passivos da escola conservadora, feita de exposição verbal, exercícios de memorização, centrada em conteúdos determinados em currículos construídos no tempo longo, em disciplinas diferentes, com base em manuais, através da exposição do professor e do estudo dos manuais; é necessária um outro processo e uma escola nova que anule a passividades, a ausência de problematização e de questionamento, e sobretudo que não relaciona o conhecimento detido com o exercício de reflexão sobre o que existe.

A pedagogia para a autonomia confronta o sentido do mundo vivido para o aluno, insere-o nos seus contextos, procurando reconstruir os seus sentidos sociais para lhes criar valor.



Se a pedagogia para a autonomia é preferível porque subsistem os métodos tradicionais?

A inércia dos métodos tradicionais é muito elevada, está muito bem acomodada entre os atores e favorece a reprodução da sociedade sem sobressaltos, em que cada aluno se assume como uma cópia dos vários professores. A sociedade tende a rejeitar situações demasiado inovadoras fora de contextos muitos específicos de mudança social. Os elementos de resistência e passividade são muito forte. As famílias, que tendem a depositar na escola a função de uma educação tradicional, não veem, em regra, com bons olhos, nem os processos de educação crítica, nem os professores que educam para a autonomia. Um professor é visto como alguém que cumpre o programa, seguindo o roteiro curricular, que mantém a disciplina na sala e valoriza o teste como elemento de avaliação.

Os programas, quase sempre muito extensos, não permitem trabalhos de grupo ou explorações participadas, a menos que os currículos sejam organizados em grupos. A escola tradicional é também mais barata, se o processo educativo for produzido em série, com turmas numerosas, em escolas centralizadas, segundo o modelo industrializado. Mais uma vez, a adequação das escolas tradicionais ao mundo atual se vai deteriorando, contribuindo para uma fraca autonomia do aluno com o conhecimento relevante.

Há hoje uma crítica crescente aos sistemas de ensino, com base na incapacidade dos alunos resolverem problemas com eficácia, acentuando o afastamento com que a sociedade olha entre para o que é exigido à escola e aquilo que a escola produz.

Em suma se as metodologias tradicionais se mostram desadequadas a criar autonomia educativa, também as escolas se mostram desadequados como organizações para produção de cidadão autónomos, críticos e inovadora para atuarem na sociedade. Trata-se dum modelo onde cresce a desadequação do seu papel. O que a pedagogia para a autonomia pode fazer, nesse modelo, é desconstruir essa experiencia de escola tradicional, olhar para o mundo na sua potência, criar uma pluralidade de olhares sobre esse mundo para fazer compreender a sua diversidade. Ao professor cabe a tarefa de ajudar a construir uma leitura lógica e holística dessa realidade apreendia, partindo de pequenas partes para compreender o todo. Essa tarefe, que cabe ao professor também não é fácil, o que

também explica que os atores também sejam eles próprios uma fator de resistência à mudança

Qual o papel do educador crítico numa escola para a autonomia?

Num processo educativo tradicional, o professor tradicional é um elemento de autoridade e superioridade em relação aos educandos. A organização do espaço educativo, com a divisão de funções e espaços é um indicador desta legitimidade. O professor é detentor dum saber (poder sacralizado), que determina que tudo acontece de acordo com as suas instruções. Cabe-lhe o papel de transferir um conhecimento pré-determinado para os alunos. Esse poder está culturalmente construído pela sociedade e pode e deve ser desconstruído pelo pedagogo crítico.

Um processo pedagógico voltado para a autonomia deve ser baseado na relação entre o aluno e o objeto da aprendizagem. O professor torna-se um mediador do processo, cabendo-lhe estar atento aos interesses dos alundos, desenvolver processos de motivação. Na pedagogia para a autonomia, o professor dever ter a capacidade de aprender com os alunos, reconhecendo o que esse alundo trás para a sala de aula e de com esses materiais construir ações coletivas. A aprendizagem significativa surge da interação entre os conhecimentos transportados pelos alunos, como os conhecimentos que devem constituir-se como relevantes para compreender e resolver um problema. As questões educativas são normalmente questões problemas que devem ser trabalhas em contexto de sala de aula, através de processos colaborativos, num espaço adequado e multifuncional. O tempo do processo é também fluído devendo-se ajustar às necessidades de aprendizagem.

Em suma o professor como mediador do processo deve constitui-se como um criador e inovador. Mais do que um mestre, é um artista que cria para inovar. As sociedades de conhecimento são sociedades dinâmicas que criam. As escolas para a autonomia são escolas para uma formação global, transdisciplinar, que favorece a vivência da criatividade, da liberdade e do exercício da cidadania e da dignidade humana

QUADRO

Modelo tradicional de ensino

MODELO TRADICIONAL DE ENSINO	CARACTERÍSTICA
Escola- quartel	•Saber fossilizado. •Transmissão verbal de informações. •Elitismo. •Conservadorismo (escola fechada em si mesma). •Rotina. •Ensino descontextualizado. •Supervalorização do conteúdo. •Imposição da disciplina. •Organização fixa, professor sempre à frente. •Métodos quantitativos de avaliação. •Conhecimento fragmentado. •Supervalorização do currículo. •Questão central: o aprender com quantidade
Professor - mestre	• Modelador de atitudes • Formador dos alunos.
Aluno	•Não interage com o objeto de conhecimento. •Não se envolve com o seu processo de aprendizagem. •Recebe tudo pronto. •Não faz relações e não questiona. •Figura como recetáculo, o que nada sabe. •Assimila conhecimentos que lhe são transmitidos. •Não tem autonomia



A constituição de Alternativas através da Poética do Pensamento Crítico

A criação de alternativas para uma pedagogia da autonomia tem uma longa tradição e diversidade. Através da galeria do pensamento crítico[4] podemos acompanhar algumas escolas e atores que nos permitem hoje avançar com uma configuração sobre um pensamento crítico como base duma pedagogia para a autonomia. A pedagogia para a autonomia é arborescente e caracteriza-se pela diversidade de pensadores.

O pensamento crítico é o pensamento reflexivo que garante a autonomia do ser. A capacidade de pensar criticamente implica identificar e aplicar analogias. É um processo cognitivo de inferência, que passa dum objeto particular para outro objeto particular, valorizando os elementos comuns. É usado como técnica de resolução de problemas.

Fases do Pensamento Crítico

- O processo de produção dum pensamento crítico inicia-se com a identificação do que se sabe e o que falta saber. Esta primeira fase implica recolher informação relevante sobre o que já sabemos, como sabemos e identificar o que é necessários saber. Fase do diagnóstico
- Organizar ideias e criar lógicas. É necessário entender o que é necessário entender, porque é necessário e para que é necessário. É um momento em que é necessário olhar paras as questões de diferentes perspetivas, entender os diferentes sentidos. Fase do questionamento
- Identificar as falhas e as ausências. Ao olhar para o que falta saber e par o que se sabe de diferentes formas, torna-se ais fácil entender o que falta e o que falha no pensamento sobre esse objeto. Fase da revelação ou insight
- O momento em que tendo-se apropriado do que existe e do que falta, implica fazer uma nova síntese. Rever o que foi feito e Integrar o novo, Simplificar através de analogia pode ser um exercício que favorece a descoberta. Fase da Síntese
- Atingimos fase poética, onde através da analogia se procura formas puras, simples e esclarecedoras que dão estabilidade o problema (resolução). Fase da Poética.

O pensamento crítico é a base da pedagogia para a autonomia. Está no centro da atividade educativa e é o objeto da atividade educativa. Pensar

[4] Leite, Pedro Pereira (2019). Galeria de Educadores para uma Pedagogia da Autonomia" in informal Museology studies, nº 24

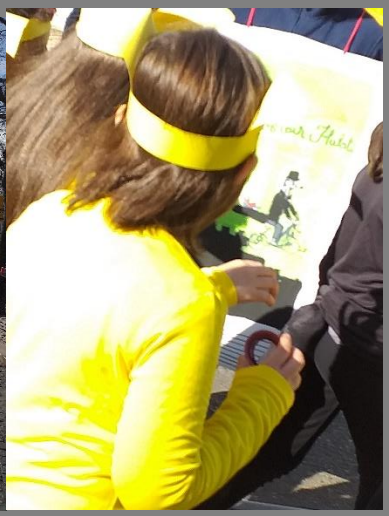
com autonomia é saber avaliar as ideias e os argumentos de acordo com as razões e evidências apresentadas, com suporte nos sistemas de valores. Está longe de ser um exercício inato ao processo cognitivo, necessita de ser treinado e aplicado de forma constante. Constitui a base da vivência em sociedade.

Uma sociedade que pratica o espírito crítico, no seu limite, não necessitaria de instituições reguladoras da ação social. As diferentes instituições do Estado confrontam se contudo com a necessidade de colocar limites à ação do pensamento crítico, com base numa definição do bem-comum, esquecendo-se que esse bem comum é fluido e instável.

Este é um dos paradoxos da escola. Ao mesmo tempo que deve praticar o exercício do pensamento crítico com uma das suas finalidades, enquanto agente da ação do estado, atua limitando o exercício desse pensamento crítico. Aplica a disciplina e o autoritarismo como modelo de regulação.

Um segundo paradoxo, contudo, coloca-se hoje às escolas. Numa era de transição societal, onde o fluxo de informação flui por diferentes canais, a escola deixou de ser a única instância de legitimação do saber. O pensamento crítico é um instrumento que está disponível para encontrar um rumo nos fluxos de informação. No entanto, ele praticamente impossível que ele seja apropriado pelas escolas pois inverte os princípios de autoridade onde está fundada e onde assenta a legitimidade que lhe dá estabilidade. Ao questionar a autoridade, inverte os princípios da sua legitimidade permitindo subverter a lógica de subordinação dos indivíduos e das suas relações por propostas de autonomia e emancipação.





Aprendizagem Lineares e Aprendizagens Expansivas[5]

As aprendizagens lineares tem como paradigma a aprendizagem do Livro. É uma aprendizagem do mundo conhecido. Parte da experiência vivenciada integra no conhecimento humano existente, construindo a partir dele. Por outro lado as aprendizagens expansivas trabalham no reino da probabilidade infinita, mobilizando a criatividade.

As teorias da aprendizagem expansiva surge na Finlândia em 1987[6], integrando várias dimensões da psicologia nos estudos de neurociência. Tendo por base aos trabalhos de psicologia de Vygotsky, Leontiev, Ilyenkov e Davydov, que distinguiam a o contributo da atividade histórico-cultural para a aprendizagem (em paralelo com a estrutura biológica do cérbero).

Os estudos baseados nesta teoria orientam-se para seis linhas de pesquisa. A aprendizagem como transformação do objeto, A aprendizagem expansiva como movimento na zona de desenvolvimento proximal. A aprendizagem expansiva como ciclos de ações de aprendizagem. A aprendizagem expansiva como cruzamento de fronteiras e construção de redes. A aprendizagem expansiva como movimento distribuído e descontínuo e intervenções formativas.

As teorias da aprendizagem expansiva tem como objetivo entender como é que as aprendizagens se desenvolvem como processo ao longo da vida e ajudam os profissionais a gerar novas aprendizagens, incluindo as novas questões que a humanidade está a enfrentar. Por exemplo, o aquecimento global, a extinção biológica, o crescimento demográfico, a escassez de água potável, etc.

A teoria da aprendizagem expansiva forma-se a partir de análises de baixo para cima, e de fora para dentro, pensando as aprendizagens como redes de sistema de atividade e comunicação, interconectados com objetos compartilhados ou parcialmente e frequentemente contestados. Trata-se de objetos subjetivos que são analisados pela experiência sensorial, pela emoção, pela personificação, identidade e compromisso moral, através da metodologia da Intersubjetividade.

[5] https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1747938X10000035?via%3Dihub
[6] Yrjö, Engeström, Annalisa, Sannino (2010). Studies of expansive learning: Foundations, findings and future challenges, in Educational Research Review, Volume 5, Issue 1, 2010, Pages 1-24 .



Pedagogia da Autonomia e os seus diálogos com a Diversidade Cultural

O desenvolvimento de pedagogia da autonomia favorece a reflexidade e o espirito crítico. Os trabalhos partem dos interesses do grupo e motivam para a ação. Esta é todavia uma ação motivada pela adesão aos projetos e contribuem para um espírito criativo e espontâneo. A pedagogia da autonomia trabalha sobre competências essenciais da dimensão humana. A dimensão pessoal, interpessoal e de relações intergrupais. Cada um é convocado para um conjunto de competências básicas, tais como a capacidade de decidir e escolher autonomamente, falar e escutar em público. De contribuir de forma criativa para o grupo. Todo o processo favorece a relação humana e a alegria de viver, de trabalhar para o bem comum, e de se sentir útil no seu contributo para a comunidade.

A pedagogia da autonomia opõe-se às pedagogias tradicionais, porque coloca o sujeito no centro da aprendizagem. A construção dos processos, ainda que em certas circunstâncias necessite de ser calibrado com exigências dos sistemas educativos, nomeadamente os diferentes desenvolvimentos curriculares, centra-se nos interesses dos alunos. O aluno, ou o sujeito da aprendizagem é o princípio e o fim dos projetos. É sobre ele e com base no sujeito da aprendizagem que os processos são construídos.

A pedagogia da autonomia procura trabalhar com as diferentes dimensões do conhecimento. Conhecimento cognitivo, conhecimento emocional e social. O conhecimento da pedagogia da autonomia consiste no desenvolvimento do reconhecimento de si e do outro em contexto. A pedagogia da autonomia trabalha com todas as dimensões do conhecimento e do saber. Aborda cada uma das áreas disciplinares de forma holística e integrada, procurando a diversidade dos saberes.

O desenvolvimento da motivação e da afetividade promovem as aprendizagens lúdicas. A alegria do trabalho pedagógico, conduzido com rigor envolve da ludicidade da descoberta. Da descoberta de si e do mundo em relação com os outros.

O trabalho pedagógico para a autonomia com base em projetos favorece as vivências de experiencia autênticas. Processos de aprendizagem que envolvem a manipulação de objetos reais do mundo físico e social, voltado

para uma forma de ação. Todo o processo é um processo vivo. Toda a manipulação dos objetos que ajudam a construção do conhecimento são vividos, escolhidos e analisados pelos sujeitos das aprendizagens.

A pedagogia para a autonomia implica o desenvolvimento da adesão dos aprendizes ao processo e aos objetos de conhecimento. Uma tarefa que deve ser desenvolvida com rigor pelo mediador/professor, que deve apoiar o processo de forma não diretiva. Um bom professor é aquele que conduz os alunos nos caminhos da descoberta, uma descoberta que tem que ser livres e assumida com vontade e determinação. O professor mediador atua como um facilitador, procurando ativas os processos que conduzem a formação da consciência de si e da sua ação enquanto seres autónomos e integrados na sociedade.

A pedagogia da autonomia enquanto proposta educacional procura transforma os indivíduos e torna-lo consciente de si e dos outros em contexto. A sua base cria condições para que os alunos se envolvam na experimentação, desenvolvam confiança em si e nos outros, que constitui a base do processo de decisão para a ação.

A pedagogia da autonomia facilita a reflexão sobre si, a escuta do outro, a avaliação dos atos praticados, permitindo assumir e corrigir os erros de forma a corrigira as trajetórias.




CONTRA O FASCISMO NEM UM PASSO ATRÁS
ANTIFA